

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
31 DE OUTUBRO
ANNO I. N. 14

PROPRIETARIOS : ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES : DIVERSOS

Preços : por trimestre 27,000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE
NO RIO GRANDE
1870

LITTERATURA

AS 24 PRIMEIRAS HORAS

dos
DESTERRADOS DO PARAISO

por

A. D. de Pascual

Ella te pisará a cabeça.

Gen. Cap. III, Vers 15.

Eram tres horas da tarde da sexta-feira 4 de Novembro do anno, antes do nascimento de Christo, 4004 (1)

Expendida fora a madrugada.

O sol sahira cadente das mãos do Creador; a atmosfera assemelhava-se a uma aboboda de saphira; as brisas brandas assopravam deliciosamente; os rios lambiam carinhosos as margens dos prados que crusavam; as arvores estremeciam de amores; as folhas tremiam de alvoroço; as catadupas murmuravam com placidez; os passaros puijavam e trinavam maviosamente; as aninaes pulavam e brincavam com lascivo deleixo; os peixes perseguiam-se brincalhões, agitando as aguas e pulando para respirarem o aroma das flores que marchetavam os campos: toda a natureza entoava hymnos eucharisticos ao Divino Obrador de tantas maravilhas. Não se enxergava uma nuvem no horizonte, não se notava uma desarmonia no conjunto, nem se ouvia um grito desacorde; até o bambalear das arvores era melodioso. Deus e a creação harmonisavam n'aquelle divino concerto.

O sol oscillava radiante no zenith. Havia oito dias que Adão e Eva gozavam d'este incomparavel panorama, havia oito dias que, engolfando-se em

delicias, fruíam da bemaventurança e da immortalidade:

Era a hora da visita de Eloim. No oitavo dia da existencia dos primeiros povoadores do mundo tardou mais a apparecer a nuvem mysteriosa, em cuja aerea e vaporosa neblina passeava o espirito de Deus, pairando sobre as arvores e os caudalosos rios do Eden.

Até aquelle momento Adão fitára Eva com olhos tranquillos, physionomia serena, expressão de ternura innocente e amor quasi celestial; mas, depois do meio dia. Eva tornára-se tímida, subia-lhe o rubor ás faces, e tratara de cobrir a nudez com as suas bastas e loiras madeixas de cabelos, que embora occultassem, por intervallos, as suas elegantes e prototypas formas, o brando sephiro, sacudindo-as d'um lado para outro do seu quasi divino corpo, deixava descobertos aquelles thesouros de formosura aos olhares da curiosa natureza. Engrinaldada com mimosas flôres, vistosas e verdes folhas, começou a entresacilar o seu corpo com as vergontes das trepadeiras, que adheriam carinhosamente aos troncos das arvores, formando o docel d'aquella rainha da terra.

Adão menos cauteloso, porém, mais franco no seu procedimento, crousou na cintura algumas folhas da musa para disfarçar.

Apenas tinha acabado de esconder parte de seus corpos, levantou-se a viragem perensora da voz de Deus.

Por entre a mais aprasivel floresta do aprasivel Eden foi elevando-se vagarosamente uma nuvem de côr de opalo, e á medida que approximava-se aos dous perturbados habitantes d'aquella delicioso vergel, ia tomando proporções mais phantasiosas e divinaamente bellas. No centro daquelle solio de vaporosos e variegados flocos ardia um fogo vivo, que faiscava raios de celestial claridade. Aquella luz era Deus!...

A nuvem foi lambendo rasteiras as undisonas palmeiras, e do seu concavo

throno sahiu sonora a voz de Eloim (2), que bradou:

—Onde estás Adão?

Eva escondeu o seu admiravel rosto no largo e possante peito de Adão, e tremou pela primeira vez durante a sua existencia. O homem ergueu a cabeça para o céu, encarou a nuvem mysteriosa, apertou contra o palpitante coração sua mulher, e respondeu:

—Ouvi a tua voz no paraíso, e tive medo: porque estava nu, e por isso me escondi.

—D'onde soubeste tu que estavas nu, senão porque comeste da arvore, que eu tinha ordenado que não comeses?

—A mulher, que tu me d'este por companheira, deu-me da arvore, e eu comi.

—Porque fiseste isto, mulher?

—A serpente me enganou, e eu comi.

Deus calou-se, olhou para a serpente, e com ar indignado lhe disse:

—Pois que assim o fiseste, tu és maldita entre todos os animaes e bestas da terra: tu andarás de rastos sobre o teu peito e comerás terra todos os dias da tua vida. Eu porei inimidade entre ti e a mulher, entre a tua posteridade e a d'ella. Ella te pisará a cabeça e tu armarás laços ao seu calcenhar.

Deus fez outra pausa, e com gesto compassivo e sério disse á mulher:

—Eu multiplicarei os teus trabalhos e os teus partos. Tu em dôr parirás teus filhos e estarás sob o poder do teu marido.

Deus emmudeceu: contemplou a Adão, que tinha nos seus braços a Eva quasi desmaiada: compadeceu-se d'elle; envolveu-se nos deslumbantes e vaporosos gases que o separavam dos desobedientes e, com tom grave e magestatico lhe disse:

—Pois que dèste ouvidos á voz de tua mulher, e comeste da arvore de que eu te havia ordenado que não co-

(2) Eloim, Adonai, Jehovah: creador, dominador, ser supremo.

(1) Blair, na sua primeira taboa chronologica diz que Adão e Eva foram creados na sexta-feira 28 de Outubro, antes de Christo, 4004.

Os expositores da Biblia não concordam na duração do tempo, em que habitaram Eden nossos pais. Ha quem diga que estiveram 120 annos. A solução d'esta questão é ocaia; por isso, que carecemos de dados para uma evidencia cabal. O autor d'esta novella adopta a opinião de que Adão e Eva residiram só, durante uma semana, no paraíso.

meses, a terra será maldita na tua obra: tu tirarás della o teu sustento, com muitas fadigas, todos os dias da tua vida. Ella te produzirá espinhos e abrolhos, e tu terás por sustento as hervas da terra. Tu comerás o teu pão no suor do teu rosto, até que te tornes na terra de que foste tirado; porque tu és pó e em pó te has de tornar.

Adão ouviu resignado esta tremenda sentença, que condemnava a sua posteridade a soffrer dôres, privações, penas e angustias sem fim — encareou a nuvem mysteriosa, e Deus, que prescrevia no fundo do coração do primeiro homem, o perdoou.

Adão continuava a apertar contra o seu agitado peito a sua bellissima mulher, fitou-a com estremeído amor, e exclamou:

— Minha deusa, meu amor, minha Eva, tu serás o symbolo da familia, por ti viverão milhões de milheiros de homens e mulheres como nós; por ti nascerá o amor da humanidade e em ti engera a perpetuidade do nosso nome. A tua fraqueza foi principio da nossa desgraça presente e futura, mas tambem ha de ser a origem de todas as felicidades.

Adão virou-se para a nuvem, temendo ter offendido a Deus com esta expansão do seu amor para com Eva; a sua consciencia, porém, estava calma. As palpações do coração da adoravel mulher, eram sensiveis e repercutiam no largo e generoso peito do homem.

Eloim contemplava compassivamente estes dous desgraçados filhos predilectos da criação, e, notando que estavam envergonhados de verem os seus corpos nus, fulminou, insensivelmente algumas lascivas gasellas, que folgavam ao redor de Adão e Eva, fez com que estes esfolassem os primeiros despojos da morte e que, com as pelles, fizessem uma especie de avental para cobrir a sua nudez.

Naquelle mesmo instante a nuvem mysteriosa elevou-se sobre as mais altas arvores do paraíso, adquiriu uma elasticidade assombrosa, cobriu de neblina todo o recinto; a Divindade lampejou entre raios de luz, e ouviu-se uma gargalhada admiravel, estupefacta, acompanhada de uma voz que dizia com inflexão sarcastica:

— Eis ahi, está feito Adão como um de nós, conhecendo o bem e o mal!

A nuvem pairou sobre o paraíso, sepultando em densos vapores o perdido Eden

— Desterro!... desterro!... bradou com voz estentorea, o cherubim que

Deus collocára na entrada do jardim dos praseres.

— Desterro!... desterro!... repetia o echo nos frondosos valles, nas verdejantes planuras, nas copadas abobadadas do paraíso.

Desterro!... desterro!... echoava por todas as partes, com horrissono estrondo.

As aves do céu adejavam espavoridas ao redor do ameno e vasto jardim, fugindo desterradas pelo flammeante gladio da colera do Omnipotente, enchendo os ares com o seu crocitar medonho, e seus cantos lugubres: as bostas da terra, os reptis, os insectos sahiam daquelle delicioso recinto uivando, bramindo, rangendo os dentes, asbordando e mugindo: até os peixes que povoavam as cabeceiras dos rios Phison, Gehon, Tigre e Euphrates, corriam apressados ao cimo das aguas, erguendo as multiformes cabeças e descrevendo innumeraveis circulos na superficie, ao submergirem-se nas entranhas dos rios.

O pavor havia invadido de chofre aquella palavra e delectavel mansão: todos fugiam á voz do commando do inexoravel Cherubim....

— Desterro!...

MISSELANEA

A historia do Balão

A historia do balão é o objecto de todas as conversações.

Paris communica com a cidade de Tours, onde se acham os representantes do governo da republica, por meio de balões aerostaticos.

Trata-se agora de os utilizar de uma maneira mais efficaz ainda do que para o transporte de correspondencias.

Falla-se em carregal-os de bombas a Orsini e de engenhos com pierato de potassa que serão lançados do alto do aerostato no campo prussiano. E' este com effeito um poderoso meio de destruição. A unica bomba Orsini que em 1868 rebentou na rua Pelletier, matou ou feriu de gravidade mais de cem pessoas. Avaliem-se os prejuizos que causariam sessenta ou oitenta bombas da mesma especie precipitadas de um balão no meio de uma numerosa agglomeração de homens.

Voltando ás correspondencias por aquelle meio enviadas, temos a dizer que ellas continham todas as minuciosidades dos combates feridos em torno de Paris nestes ultimos dias.

Em vista pois do bom resultado dos

balões, procura-se o meio de fazer chegar um a Bazaine, dando-lhe conta do verdadeiro estado da situação, e de crêr é que logo que elle tenha conhecimento d'ella, tente algum movimento onusado para se aproximar de Paris.

E' este o milagre que pôde salvar a França, e por certo que não é impossivel. E' opinião seguida no ministerio da guerra, que Bazaine tem debaixo do seu commando 100 mil homens pouco mais ou menos, sem contar com a guarnição de Metz e com cem mil combatentes das tropas mais aguerridas e melhores. Suppondo que a aberta que elle tem a fazer, e que o combate a dar, lhe custam vinte e cinco a trinta mil homens, achar-se-ha livre com forças ainda importantes, e o general Le Flot que está gerindo os negocios da guerra, declara-se em estado de duplicar-lhe immediatamente o effectivo.

—Tenho que dar-lhe, diz o referido general, mais de quarenta mil homens de que não sei o que heide fazer.

Imaginem Bazaine livre e immediatamente reforçado com quarenta a cincoenta mil homens! Os prussianos tomados entre este exercito inesperado e as fortificações de Paris, poderão soffrer um grande desastre.

Tinha razão.

Certo dia interrogava um juiz a um ladro que tinha de julgar.

Perguntou-lhe:

—Como é que você não teve escrupulos de se associar para o crime com Fulano, um malvado que já cumpriu sentença?

—Sr. juiz, eu sinto muito, respondeu o réo com a maior serenidade, mas não encontrei nenhuma pessoa decente que me ajudasse na empreza.

Anuncio curioso.

Em um periodico americano, encontra-se o seguinte e curioso annuncio:

“Um rapaz, que possui a experiencia dos negocios, e que recebeu uma educação liberal, deseja obter uma posição que lhe assegure o necessario para viver, e na qual possa ir subindo á força de energia e actividade. Sabe de costura, de esgrima, de lavar e engommar, o latim e o grego, as linguas vivas, e tendo a penna na mão, tanto lhe importa escrever de economia politica, como da domestica. Offerece os seus serviços para director de hospedaria, moço de casa de pasto, ou secretario intimo.”

O ex...

Diz a *Revolução de Setembro* que um padre Vicente Alcuero, natural de Catalunya, jesuita expulso com outros por Carlos III e refugiado em França, ao dizerem-lhe «*Adeus ex-jesuita*», respondeu com o seguinte soneto :

Não me chameis o *ex*, por caridade,
Depois que o acceitou a Convenção.
Deve à França a Europa a invenção
E foi seu primo fructo a *ex* piedade.

Seguiu-se *ex-rei*, *ex-rainha*, *ex-sociedade*,
Ex-papa, *ex-cura*, *ex-culto*, *ex-devocão*,
Ex-frade, *ex-monje*, *ex-templo*, *ex-religião*,
Ex-throno, *ex-altar*, *ex-christandade*.

Olha se o *ex* que tu me chamas hoje
Um *ex* fatal para a França foi,
Outro menos fatal buscando you.

E de enconral-o tenho viva fé
Pois me parece que escutando estou
Ex-Paris, *ex-nação*, *ex-liberté*.

Cousas que a mulher não couse.

Que calça muito apertado ;
Que se cança no baile ;
Que aperta a cintura ;
Que se pinta :
Que tem a idade que parece ter ;
Que se demorou muito tempo a vestir ;
Que vos fez esperar ;
Que cõra quando houve o nome de
certa pessoa ;
Que falla sem saber o que diz ;
Que adora a maledicencia ou a intrigar ;
Que não pôde guardar um segredo ;
Que não precisa de um chapéu novo ;
Que em viagem não precisa de mil reipinhos ;
Que não tem o caracter de um anjo,
nem a paciencia de um santo ;
Que é *coquette* !
Que não tem razão !

Pombas e balões.

O bloqueio de Paris é effectivo quanto à entrada de combois, e tropas, mas não intercepta as communicações, por que, fechado o caminho terrestre usual e ordinario, e o do fio electrico, fica expedito o dos ares. Os globos estão desempenhando o papel de correios de gabinete, e a não ser que os prussianos estabeleçam um cordão aereo que solte o *quem vem lá?* faça prisioneiro, e fuzille esses surrateros emissarios, a França e a Europa saberão o que se faz e o que se pensa na capital da França, apezar do forte cordão que a aprisiona tecido por 300,000 ou

350,000 alemães. E como não obstante os premios offerecidos, ainda se não resolveu o problema de os dirigir como se dirige um cavallo ou uma locomotiva, e os globos vão aonde o vento os leva, pensou-se, remontando-se a catastrophe do diluvio, na pomba, mensageira da paz, para que n'esta occasião, e faltando á sua historia, a seus instinctos e costumes seja mensageira de guerra. A pomba é aperfeiçoamento do globo. Ao capricho variavel do vento, é substituido o instincto sagaz, e quasi intelligente da pomba. Destarte vemos por exemplo, a agencia *Havas* dizer : "*Lille 16 a noite*. — Acabamos de receber as seguintes noticias de Paris por meio da pomba mensageira da agencia."

Nova metralhadora a vapor.

No polygono de Vincennes foi ultimamente experimentada esta nova machina de guerra.

E' ella adherente a uma pequena machina a vapor da força de um cavallo, que é quem expede a bala.

A nova metralhadora, não aquecendo nunca, pôde funcionar sem descanso durante um dia inteiro e lançar uma quantidade infinita de projectis, pois que para augmentar o numero dos tiros basta augmentar a força da machina. Uma metralhadora da força de 3 cavallos poderá expedir 200 balas por segundo, e atirar sem interrupção. Esta metralhadora não é carregada. Um deposito recebe os projectis. Lançam-se n'elle por uma culatra, e a machina faz o resto. Ha apenas dez dias que o plano d'esta machina foi apresentado ao general Trochu. O governador de Pariz deu ordens immediatamente para se fazerem os ensaios que deram os resultados mais satisfactorios. O inventor foi encarregado de fabricar 200 em oito dias.

VARIEDADE

Paginas de um album

... Estou prezo nos doces laços de tua alma innocencia, o meu ser beija contente os santos grilhões de seu captivo. Mas, Emilia, eu supporto tanto.

(Dr. Domingos Guimarães.)

I

Era por uma bella noite desse poetico S. Paulo, noite perfumada e fria, como teu coração innocente, Eliza.

As estrellas, no céu explendido e anilado, miravam ciumentas o azul

dos seus olhos irresistíveis; a gavão peneirava docemente sobre as nuvens cendadas dos teus cabelos, de ouro; o vento que vinha do rio, beijava languidamente o teu rosto feiticeiro.

Tu mergulhaste no céu o olhar vago e tremulo,

Uma lagrima pendia-te dos cilijs avelludados, como as gottas de orvalho, suspensas na folhagem'atravez da qual eu te espreitava commovido.

Como eras triste, então !... Dir-se-hia que o anjo das desilluzões te roubára a ultima esperança da mocidade, e fazia curvar tua alma ao peso de um infortunio cruel ! Uma sombra de indissolvel melancolia velava-te mysteriosamente a figura quasi divina. Scismavas talvez como Graziella nas margens do Sorento.

II

Tu não me viste. Eu approximei-me medroso e colloquei-me atraz do banco de relva onde te sentaste fatigada. Quanto eu era feliz n'esse momento !..

Meus ouvidos ouviam delirantes as palpações precipites de teu coração magoado e recebiam loucos de felicidade os ais sentidos de teus labios encantadores.

Eliza !

Tu foste uma appareição, um sonho, um pensamento celeste que me encheu de amor e de vida, nas minhas longas noites de delirio.

Tu foste o astro luminoso que espalhou sua luz pura e suave no ambiente tenebroso de minh'alma !

Estrella ou anjo, realidade ou sonho, Eliza ! eu te adoro !

Eu te adoro, porque me deste neste mundo ogoose celeste da felicidade no amor.

III

Quando te dirigiste a tua casinha que alvejara no fundo do jardim, senti que meu coração se estalava a uma dor excruciante ; meus joelhos curvaram-se submissos ante a tua imagem vaporosa, meus labios beijaram febricitantes a relva que tinham pisado os teus pés mimosos e divinos.

Desde então, ai de mim ! não pude ainda esquecer-te um só momento !

Vives em minh'alma como um goso eterno uma felicidade infinita !

E como esquecer-te, Eliza ?

Tú és a minha vida, as minhas aspirações, a minha esperança no futuro.

IV

A segunda vez que eu te vi foi no mesmo lugar.

POESIA

Tristesa.

Fenece o viço de meus verdes annos
Os d'ócos dias de ventura, em findo !
Nas sombras negras de cruéis enganos,
S'extingue a imagem da esperança, rindo !
Qual aurea nuvem que um instante vaga,
No céo risonho de gentil aurora ;
E a tempestade no passar apaga,
Assim feneço—e a minh'alma chora !...
Declina a sombra da existencia, é morta
Essa esperança que sonhára outr'ora ;
E o rijo sopro do infortunio corta
Ultima crença, que guardava agora !...

Negra tristesa que me enruga a fronte,
Ai, nesta idade, juvenil, fiorentine ;
Passa em gemidos, semilbando a fonte
Tristonha, meiga, no queixar plangente :

Nos desalento, o que espera est'alma ?
Perdidos sonhos !—em scismar ternura,
Gozos suaves, a ventura, a calma,
Se a vida é senda, d'infernal tortura ?!...

Resvalo exangue, merencorio e triste
Nos ermos trenos da decrença minha ;
Sem fé no mundo, a minh'alma existe,
Buscando trilho, que p'ara o céo caminha !

Temendo os gelos do tristonho inverno,
Timidas aves vão fugindo alem...

Deixando as dores deste negro inferno
Minh'alma vóa para o céo tambem !

Encontra a ave no paiz risonho,
Suaves climas, o seu ninho amante :
Eu sei que a paz, que de a muito sonho,
Terei no termo, desta vida errante !...

Rio Grande—1870.

J. P. Ribeiro.

AMOR.

(Offerecida ao meu amigo Francilio.)

E' linguagem da magoa a voz dos carmes,
A dor faz o poeta ; é só a dor,
Que faz subir ao céo cantos ferventes
Em suspiros, de amor.

(C. C. Branco.)

Eu amo o pranto da viuva bella
Vergada ao peso de pungente dor,
Porque é o emblema de minh'alma triste
Chorando a morte de infeliz amor.

Eu amo as fallas desvaídas, loucas,
D'uma alma errante no mortal torpér,
Porque me fazem recordar mentidas
As falsas juras de um fingido amor.

Eu amo a noite borrasca, negra,
Que aos navegantes vai encher de horror,
Porque semella o mortuario crepe
Que envolve as cinzas de meu triste amor.

Eu amo o abismo de escarpada rocha
Que aos mais audazes faz perder a cor,
Porque recorda-me o profundo pégo
Em que a frieza sepultou o amor.

Eu amo o cranio, do luar aos brilhos
Sempre alvejando com fatal pallôr,
Porque na fronte já sem vida, leio
Pura materia que não sente amor.

Eras mais triste, talvez : porém
mais bella !

A luz da lua envolvia-te indizível
como n'um manto d'oiro. Julguei-te
uma pallida visão de meu cérebro es-
candescendo. As fadas nebulozas da Es-
cossia não são tão phantasticas como
me pareceste n'esse momento !

A tua figura divina faria o desespero
de Corregio ; o arfar de teu seio des-
lumbrante tornaria loucos de inspira-
ção Bethveen ou Bellini !

Eu não pude conter-me e cahi á teus
pés. Lembra-te ?

Não sei o que te disse. Talvez mur-
murasse que te amava.

Mas não ! era mentira.

Eu não te amo, adoro-te ; eu não te
adoro, pertenceo-te !... Quando levantei-
me, tinhas fugido. Quiz seguir-te.

Quem acompanha o ima cassivel ?
Só minh'alma poudé acompanhar-te,
ó sombra luminosa ! minh'alma que já
não é minha, que já não é de Deus, que
é tua só, ouviste ?

V

Oito dias deixaste de me apparecer.

Oito dias ! Ai, Eliza sabes o que é
esperar um dia inteiro, a hora, o minu-
to, o instante em que se pôde vêr a
pessoa a quem se ama, a visito que se
procura, o anjo que se idolatra ?...
Pois, bem, eu soffro oito dias, oito se-
culos, uma eternidade, essa impaciên-
cia infinita, esse martyrio do inferno.
Oito dias vaguei como um espectro :
procurei-te como louco ; meus labios
murmuraram delirantes o teu nome !
Só minh'alma respondia gemendo :
Eliza ! Eliza !

Quando tornei a verte ; não sei como
não enlouqueci de ventura ! pareceu-
me ver brilhar no teu rosto um suave
reflexo de alegria celeste.

O que havia de doce no firmamento,
no espaço, na noite, Deus resumira no
teu riso inexpressivel !

Cheguei á crer que me amavas.

Disse-me a verdade a creação ?

Será uma mentira a florzinha que
me atiraste orgulhosa na tua rapida
passagem ante os meus olhos deslum-
brados ?

Verdade ou mentira, essa flor eu
guardo-a sempre sobre o peito, que a
anima como o fogo de sua paixão !—
zombaria ou piedade, minh'alma reco-
lheu extasiada aquelle olhar que me
lançaste.

Julho de 70.

Leandro.

Eu amo a campã solitaria e fria
Que encerra um corpo de gentil primo,
Porque semella o meu peito em gelo
Guardando as cinzas do mais puro amor.

Eu amo a hyena de feroz semblante
Mostrando a todos natural furor,
Porque apenas p'lo consorte caro
Tem sympathia, porém nunca amor....

Eu amo a furia do nordeste iroso
Que vai na lama chafurdar a flor,
Porque uma virgem afroux, sem pena,
No lodo immundo meu primeiro amor.

Por isso eu amo a saturnal, o jogo,
Da verde parra o immortal licór,
Por isso, em nome de uma dor cruenta,
Amaldiçojo a palavra—amor !—

Porto Alegre, 24 de Setembro de 1870.

João Damasceno Vieira Fernandes.

Saudades.

(Ao meu amigo Candido J. Pinto da Rocha.)

Tenho saudades de ti trovador,
D'esses dias felizes d'outr'ora,
Que contigito brincava contente,
E não era triste meu Deus como agora.

Minha vida era um sonho, um idyllo,
Um idyllo perpetuo d'amor ;
A imagem de meus sonhos de virgem,
Ers tu meu gentil trovador.

Oh ! que infancia desquidosa passei
A teu lado fallando d'amor
Não te lembras d'esses tempos passados i...
Não te lembras ?... oh dit Trovador ?

Quando a tarde entre franjas de ouro,
Para o occido o sol das tuas flores,
Ao sopé se animavam as flores,
De matizes o céo se cubria.

E a noite encostada a teu braço,
A luz pallida da lua sem véo,
Tu fallavas-me de amor.—Em teus beijos,
(Revelavas-me a existenscia do céo.)

N'essas tardes saudosas e ternas,
N'essas noites de divina poesia,
Doces juras de amor me fizestes,
E em contente ao ouvir-as surria.

Mas foi sonho ligeiro... não volte,
Esse dubio viver de então...
Da infancia as flores perfumadas,
Hoje jazem myrridas no chão.

Hoje triste a fronte me pende,
Para o peito arfando o ardor,
O que soffro a essa hora cruel,
Saudades de ti Trovador.

Hoje as tardes tristonhas eu sinto,
Sobre as faces das lagrimas o ardor,
O que soffro a essa hora cruel,
Saudades de ti Trovador.

Quando a noite á janella encostada
Os olhos fito da lua no fulgor ;
E atraz o sentir que me punge,
Saudades de ti Trovador.

.....
.....
.....

Como podestes poeta esquecer,
Esse amor que a mim consagravas ;
Só a mim que era teu idolo querido,
Que as tardes na lyra cantavas.

Mas por Deus ! eu não devo, nem creio,
Que tu possas gentil Trovador,
Ovidiar esses sonhos de infancia.
Essas tardes felizes de amor.

Eu não creio que possas sem pena,
Mil torturas de amor ver soffrer.
A quem deu-te inspirações tão divinas,
Doces horas de celeste viver.

Rio Grande—70.

Francilio.

IMPRESSA NA TYP. DO — ARTISTA. —